

## Adeus a Galeano

Página 11

Fábio Rodrigues Pozzebom/Agência Brasil - 11/04/2014



Obra no alojamento estoura prazos de NOVO. Página 9

Congresso atrapalha pesquisa astronômica. Página 8

www.adufrj.org.br

# AduFRJ

Jornal da Seção Sindical dos Docentes da UFRJ

## SEÇÃO SINDICAL



Andes-SN • Ano XIV nº 884 • 17 de abril de 2015 • Central Sindical e Popular - Conlutas

Silvana Sá - 26/02/2015

## Desagravo

Solidariedade à professora atacada por colunista da Veja.

Página 5



## BRASIL

# Trabalhadores protestam para barrar terceirização

O protesto nacional contra terceirização obrigou a Câmara a adiar a votação de vários artigos do PL 4.330 que expande o sistema para todos os trabalhadores. No Rio, uma passeata que se encerrou diante do prédio da Federação das Indústrias ocupou as ruas do Centro.

## Na UFRJ

Após paralisação dos funcionários terceirizados da Qualitécnica – que presta serviços à universidade –, o pagamento dos salários de março foi efetuado. Mas nem todos os trabalhadores receberam valores integrais.

Páginas 3 e 4

Samuel Tosta - 15/04/2015



**Mobilizado.** O Sindicato Nacional marcou presença com bandeiras e balões no ato do Rio

## SUCESSÃO NA UFRJ

Fotos: Marco Fernandes - 17/04/2015



Leher. Celebra resultado



Denise. Disputa no 2º turno

# Leher e Denise vão se enfrentar no 2º turno

Como nenhuma das chapas obteve votos suficientes para liquidar a fatura na primeira rodada da consulta à comunidade acadêmica, a sucessão na UFRJ será decidida em segundo turno. Vão para a disputa nos dias 4, 5 e 6 de maio as chapas lideradas por Roberto Leher (20) e Denise de Carvalho (30). A chapa 10, que tinha à frente a professora Angela Rocha, ex-pró-reitora de Graduação na atual gestão, ficou de fora. Veja os números da apuração nas páginas 6 e 7.

## Pressão antecipa reunião com o governo

O Ministério de Planejamento e Gestão marcou para esta quinta-feira, 23 de abril, reunião do secretário de Relações do Traba-

lho com representantes do Fórum das Entidades Nacionais dos Servidores Públicos, do qual o Andes-SN faz parte. Página 3

## A luta pelos direitos humanos na América do Sul

Página 12

## SEGUNDA PÁGINA

# Mobilização continua como palavra de ordem

## AG da Adufrj-SSind quer articular reivindicações locais e nacionais

A Assembleia Geral da Adufrj-SSind do último dia 17 reafirmou a necessidade de que as próximas semanas sejam de mobilização: o objetivo é construir uma pauta local articulada com as reivindicações nacionais dos servidores públicos federais. Com destaque especial contra o PL das terceirizações e as Medidas Provisórias 664 e 665, que restringem direitos trabalhistas e previdenciários. Também deverão ser objeto de avaliação, neste período, os resultados da reunião entre os SPF e o Ministério do Planejamento (MPOG) deste dia 23, em Brasília (DF). Será indicada ao Andes-SN a realização de um novo Setor das IFES (há um encontro nestes dias 25 e 26) para maio, com o objetivo de discutir uma

possível greve do funcionalismo e dos docentes federais.

### Delegações aprovadas

A AG aprovou, ainda, a delegação para o Conad Extraordinário do Andes-SN, marcado para Brasília (DF), nos dias 2 e 3 de maio: Cláudio Ribeiro (delegado); Luciana Boiteux; Cleusa Santos; Regina Pugliese; Romildo Bomfim; Luciano Coutinho; Sara Granemann; Cristina Miranda, Maria Malta e Vera Salim (observadores). Para o II Congresso da CSP-Conlutas, em junho, na

cidade de Sumaré (SP), foram escolhidos: Sara Granemann; Maria Malta, Cristina Miranda; Cláudio Ribeiro; Cleusa Santos; e Luciano Coutinho (delegados); Eunice Bomfim; Eduardo Serra; Roberto Leher; Elídio Borges; Regina Pugliese; Mariana Trotta (como observadores).

Depois dos feriados, será chamada uma atividade para debater o Caderno de Textos do Conad Extraordinário.

### Nota de solidariedade

Foi aprovada, por unani-

midade, uma nota de apoio à professora Mariana Trotta, injustamente atacada pelo colunista Rodrigo Constantino, da Veja (leia mais na página 5).

### Sobre os 26,05%

Diante de algumas questões feitas na assembleia, a diretoria da Seção Sindical reforçou que todos os professores notificados pela Pró-reitoria de Pessoal ao longo do processo de revisão do cálculo dos 26,05% (Plano Verão) devem entrar em contato com a Adufrj-SSind. A assessoria jurídica fará defesa individual de todos os sindicalizados.

### GTPE reúne-se no dia 27

Está marcada reunião do Grupo de Trabalho de Política Educacional (GTPE) da Adufrj-SSind para o dia 27/04 (segunda-feira), das 9h às 11h, na Sala de Convivência da Escola de Serviço Social, campus da Praia Vermelha. As reuniões dos Grupos de Trabalho da entidade são abertas a todos os professores sindicalizados.

## Plantões Jurídicos da Adufrj-SSind também às sextas-feiras

A partir de agora, os plantões jurídicos da Adufrj-SSind passam a ser oferecidos, além das quartas-feiras (de 13h às 16h), também às sextas-feiras (só que de 15 em 15 dias, de 10h às 13h). Em maio, o novo atendimento ocorrerá nos dias 8 e 22.

Por conta dos feriados de Tiradentes (21/4) e de São

Jorge (23/4) na próxima semana, haverá recesso do atendimento. Em função disso, um plantão excepcional vai acontecer na terça-feira, dia 28 (no mesmo horário, de 10h às 13h).

Para agendar um horário nos plantões, é só ligar para os números: 3884-0701, 2260-6368 ou 2230-2389.

## Novo outdoor da Adufrj-SSind é contra a terceirização

O mais novo outdoor da Seção Sindical dos Docentes da UFRJ (Adufrj-SSind) entra na campanha contra o Projeto de Lei nº 4.330/04, que amplia a terceirização no país. Instalado ao lado da ex-casa de espetáculos Canecão, na zona sul carioca, o painel também exige a revogação das Medidas Provisórias 664 e 665, que restringem direitos trabalhistas e previdenciários.



Kelvin Melo - 16/04/2015

## II Seminário Trabalho e Saúde

No dia 5 de maio, o Auditorio Vera Janacopulos, da UniRio, recebe o II Seminário Trabalho e Saúde na Reestruturação Produtiva: Assédio Moral e Suicídio. O evento, que conta com o apoio do DCE e da Seção Sindical dos Docentes daquela universidade, começa às 14h. A programação completa pode ser conferida em: <http://migre.me/pvirkp>.

## Exposição "Augusto Boal" na UFRJ

A exposição "Augusto Boal", panorama sobre a vida e obra do autor, diretor, dramaturgo e escritor Augusto Boal (1931-2009) chegou à UFRJ.

Inaugurada em 9 de abril, no Fórum de Ciência e Cultura, na Av. Rui Barbosa (antiga Casa do Estudante Universitário), a mostra transita por seis décadas de história, política e artes cênicas de Boal, da ditadura ao processo de redemocratização do país, e exibe cartas, documentos, objetos pessoais, fotografias, cartazes e projeções, que remetem à formação deste artista carioca nascido na Penha.

Momentos históricos como o grupo Teatro de Arena, o musical Opinião, dezenas de encenações, livros e a fundação do Teatro do Oprimido serão apresentados numa síntese da produção de Boal a partir de 1956. Também haverá um pequeno ciclo de palestras sobre a relação de Augusto Boal com o teatro, a música e a política.

Horário de funcionamento: de segunda a sexta - das 11h às 17h. O telefone para mais informações é: 2552-1195 (ramais: 213/217)

## Exposição de Paleoarte

O Museu Nacional/UFRJ abriu ao público, no último dia 16, a exposição temporária Arte com Dinossauros. Desde as primeiras descobertas da Paleontologia, os pesquisadores sempre quiseram saber como seria a aparência em vida dos animais e plantas encontrados fossilizados nas rochas. Com esse objetivo convidaram ilustradores e escultores que, com seus talentos, passaram a ajudar os paleontólogos a entender como era a possível aparência da vida em nosso planeta há milhões de anos. Assim foi criada a Arte Paleontológica ou Paleoarte.

A mostra estará aberta ao público até 19 de julho. O Museu Nacional/UFRJ fica na Quinta da Boa Vista, São Cristóvão, e funciona de terça a domingo das 10h às 17h, e às segundas, das 12h às 17h.

### SEÇÃO SINDICAL DOS DOCENTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO DO SINDICATO NACIONAL DOS DOCENTES DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR

Sede e Redação: Prédio do CT - bloco D - sala 200 Cidade Universitária CEP: 21949-900 Rio de Janeiro-RJ Caixa Postal 68531 CEP: 21941-972 Tel: 2230-2389, 3884-0701 e 2260-6368

**Diretoria da Adufrj-SSind** Presidente: Cláudio Ribeiro 1º Vice-Presidente: Luciana Boiteux 2º Vice-Presidente: Cleusa Santos 1º Secretário: José Henrique Sanglard 2º Secretário: Romildo Bomfim 1º Tesoureiro: Luciano Coutinho 2º Tesoureira: Regina Pugliese **CONSELHO DE REPRESENTANTES DA ADUFRJ-SSIND** Colégio de Aplicação Renata Lúcia Baptista Flores; Maria Cristina Miranda **Escola de Serviço Social** Mauro Luis Iasi; Luis Eduardo Acosta Acosta; Henrique Andre Ramos Wellen; Lenise Lima Fernandes **Faculdade de Educação** Claudia Lino Piccinini; Andrea Pentead de Menezes; Alessandra Nicodemos Oliveira Silva; Filipe Ceppas de Carvalho e Faria; Roberto Leher **Escola de Comunicação** Luiz Carlos Brito Paternostro **Faculdade de Administração e Ciências Contábeis** Antônio José Barbosa de Oliveira **Instituto de Economia** Alexis Nicolas Saludjian **Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional** Cecilia Campello do Amaral Mello **Faculdade Nacional de Direito** Mariana Trotta Dallalana Quintans; Vanessa Oliveira Batista **Faculdade de Arquitetura e Urbanismo** Eunice Bomfim Rocha; Luciana da Silva Andrade; Sylvania Meimaridou Rola; André Onoli Parreiras **Escola de Belas Artes** Patrícia March de Souza; Carlos de Azambuja Rodrigues **Faculdade de Letras** Gumerinda Nascimento Gonda; Vera Lucia Nunes de Oliveira **Escola de Educação Física e Desportos** Luis Aureliano Imbiriba Silva; Alexandre Palma de Oliveira; Marcelo Paula de Melo; Michele Pereira de Souza da Fonseca **Escola de Enfermagem Anna Nery** Walcyr de Oliveira Barros; Gerson Luiz Marinho **Coppe** Vera Maria Martins Salim **Escola Politécnica** José Miguel Bendrao Saldanha; Eduardo Gonçalves Serra **Coordenador de Comunicação** Luiz Carlos Maranhão **Editor Assistente** Kelvin Melo de Carvalho **Reportagem** Silvana Sá e Elisa Monteiro **Projeto Gráfico e Diagramação** Douglas Pereira **Estagiários** Filipe Ferreira Galvão e Samantha Su **Tecnologia da Informação** Renato Souza **Tiragem** 4.000 **E-mails:** [adufrj@adufrj.org.br](mailto:adufrj@adufrj.org.br) [secretaria@adufrj.org.br](mailto:secretaria@adufrj.org.br) [redacao@adufrj.org.br](mailto:redacao@adufrj.org.br) [cadernos@adufrj.org.br](mailto:cadernos@adufrj.org.br) [diretoria@adufrj.org.br](mailto:diretoria@adufrj.org.br) [conselho@adufrj.org.br](mailto:conselho@adufrj.org.br) [Página eletrônica: http://www.adufrj.org.br](http://www.adufrj.org.br)

Os artigos assinados não expressam necessariamente a opinião da Diretoria.

## CAMPANHA SALARIAL

# Afinal, a primeira reunião

Fórum dos servidores públicos federais consegue antecipar negociação com governo para este dia 23 de abril

### Encontro será no MPOG

Representantes das entidades que compõem o Fórum das Entidades Nacionais dos Servidores Públicos Federais (SPF) vão se reunir nesta quinta-feira (23) com o secretário de Relações do Trabalho, do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão (MPOG). O encontro, o primeiro em torno da pauta de reivindicações unificadas apresentadas pelo Fórum, é fruto da mobilização dos servidores.

“A convocação desta audiência foi o resultado da luta

da categoria durante a Jornada dos Servidores Públicos Federais em Brasília, de 7 a 9, com mobilização nos estados. No segundo dia da jornada, o governo aceitou receber o Fórum dos SPF e agendamos essa reunião, antecipando o calendário proposto pelo governo, de iniciar as negociações em maio”, explica Paulo Rizzo, presidente do Andes-SN.

Rizzo destaca que nesse momento é fundamental que os servidores intensifiquem a luta e pressionem o governo para que as negociações se deem em torno da pauta unificada, protocolizada pelo Fórum dos SPF, em fevereiro

deste ano.

“A experiência que temos de negociações anteriores com esse governo é que ele busca discutir e encaminhar as negociações a partir de suas políticas e não com base nas reivindicações dos servidores. E, particularmente nesse ano de ajuste fiscal e ataques explícitos aos direitos dos trabalhadores para favorecer o capital, é preciso ampliarmos a unidade e intensificarmos a mobilização para que, na reunião, seja tratada a pauta conjunta apresentada pelo Fórum, construída depois de muito diálogo entre as diversas categorias do serviço público

federal”, conclamou o presidente do Sindicato Nacional.

De acordo com Paulo Rizzo, é importante que os docentes, através das suas seções sindicais, se articulem com o conjunto dos SPF nos estados, através dos Fóruns Estaduais, para dar ampla visibilidade à campanha salarial unificada junto à população, destacando a pauta de reivindicações e os eixos na luta em defesa do serviço público de qualidade para todos os brasileiros.

“A população recebeu muito bem as manifestações neste dia 15 contra as terceirizações. Embora a votação do PL 4.330 tenha sido adiada e não

atinja a administração direta do serviço público, já vivemos um quadro de terceirização e privatização de diversos serviços, como se dá via Ebserh e como ficou evidenciado nas recentes paralisações em diversas instituições federais de ensino pelo atraso no salário dos trabalhadores terceirizados. Por isso, é importante também usarmos a força de nossa mobilização para nessa reunião arrancarmos um posicionamento do governo em relação às terceirizações e para cobrarmos posição contrária ao PL 4330”, completou. (Fonte: Andes-SN. Edição: Adufrj-SSind)

### PAÍS

## Trabalhadores contra terceirização e restrição de direitos

### Após mobilização contra o PL das terceirizações, Câmara adia votação

Durante todo o dia 15 de abril, trabalhadores de todo o país foram às ruas protestar contra o projeto que possibilita a ampliação da terceirização (PL 4.330) e contra as medidas que retiram direitos dos trabalhadores, como o acesso ao seguro-desemprego e à pensão por morte (MPs 664 e 665). O ato nacional foi organizado pelas Centrais Sindicais, entre elas a CSP-Conlutas, e fez parte do cronograma de lutas do Fórum das Entidades Nacionais dos Servidores Públicos Federais. Ao final daquela data, a Câmara adiou a votação do PL 4.330.

Diversas categorias como professores, metalúrgicos, petroleiros, portuários, trabalhadores da construção civil aderiram ao dia de luta, que contou ainda com a mo-

bilização do movimento estudantil, do MST e do MTST. “Eu acredito que ontem (15) foi apenas o início no processo de mobilização que irá se intensificar no país nos próximos meses”, comemorou Paulo Rizzo, presidente do Andes-SN.

O presidente do Sindicato Nacional ressaltou a importância do dia e do alcance que as mobilizações tiveram em vários estados. “Esse dia foi preparado em muito pouco tempo, mas o seu resultado foi positivo em termos de adesões e teve muita repercussão, até pelo fato de o Congresso Nacional decidir adiar a votação do PL, previsto para ser votado ontem (15)”, disse. O texto-base do PL 4330/04 já foi aprovado pela Câmara em 8 de abril, e ainda faltam 30 destaques a serem votados, para que o projeto siga para o Senado. Já as MPs 664 e 665 ainda não foram apreciadas pelo Congresso. (Fonte: Andes-SN. Edição: Adufrj-SSind)

Leia sobre o ato do Rio de Janeiro na página 4

### ENQUANTO ISSO... NA UFRJ



Kelvin Melo - 13/04/2015

Funcionários foram até a reitoria para protestar pelos salários

## Qualitécnica paga a funcionários... mas não tudo!

### Descontos deixam famílias endividadadas

Samantha Su  
Estagiária e Redação

Após paralisação dos funcionários terceirizados da Qualitécnica realizada em 13 de abril, o pagamento dos salários de março foi efetuado dois dias depois (uma semana, portanto, após o prazo que seria normal, até

o quinto dia útil do mês). Ainda assim, nem todos receberam valores integrais: há atrasos no tíquete-alimentação e vale-transporte e os vencimentos propriamente ditos não vêm completos desde janeiro.

A situação tem deixado muitas famílias com dívidas acumuladas: “Como isso já é recorrente, as pessoas estão no cheque especial, recebem o salário atrasado e o banco ‘come’ tudo. A empresa não dá outra alternativa de pagamento, mesmo sendo a respon-

sável pelo endividamento. Tem gente que está só com R\$ 150 na conta este mês”, critica Terezinha Costa, uma das funcionárias da Qualitécnica. O salário de um trabalhador da empresa é de R\$ 900; os que ganham adicional por insalubridade recebem R\$ 1.182.

Ainda na segunda, dia 13, os funcionários foram até a reitoria dialogar com a pró-reitora de Gestão e Governança (PR-6), Aracéli Cristina. Neste encontro, a dirigente teria solicitado a duas funcionárias tercei-

rizadas e a um representante estudantil para juntar 100 contracheques com o objetivo de provar que a empresa está sendo negligente. Pois, para a reitoria, a empresa estaria prestando contas regulares sobre os repasses dos salários.

A reportagem entrou em contato com a professora Aracéli Cristina, que pediu o envio das perguntas por e-mail, para confirmar as informações. No entanto, até o fechamento desta matéria, não chegaram as respostas da dirigente.

## BRASIL

# Governo também terceirizado

Em ato no Rio de Janeiro contra a precarização ainda maior do trabalho, entidades sindicais e movimentos sociais e estudantis criticam gestão Dilma Rousseff, que administra país a mando do empresariado

**Manifestação ocorreu em 15 de abril**

**Samantha Su**  
Estagiária e Redação

Com os gritos de “Dos meus direitos/não abro mão./esse PL legaliza a escravidão”, diversas entidades, movimentos sociais e estudantis se reuniram no centro do Rio, no último dia 15 de abril. Era a parte carioca do ato ocorrido em todo o Brasil, convocado por cinco centrais sindicais diferentes. E demonstrou toda a preocupação com o Projeto de Lei 4.330/04, que permite a ampliação dos serviços terceirizados no país. Bem ao gosto do grande empresariado. Não por acaso, os manifestantes caminharam até sede da Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (Firjan).

A CSP-Conlutas lembrou a necessidade de a classe trabalhadora se organizar para poder “dar respostas às investidas do capital acolhidas pelo governo federal”. Telmo de Oliveira, representante da entidade, observou que trabalhadores formais e informais devem estar na mesma luta: “No Brasil, são mais de 120 milhões de trabalhadores e apenas 45 milhões têm carteira assinada”, declarou.

A presença de entidades sindicais diversas mostrou a dimensão da luta. O Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Município do Rio entregou folhetos para denunciar o alto índice de terceirização nos setores de assessoria de imprensa, situação que pode piorar com a aprovação do PL 4.330: dos 12 mil trabalhadores no Rio, apenas quatro mil têm carteira assinada. O Sindicato dos Petroleiros falou contra o avanço da privatização da Petrobrás. O mesmo Sindipetro levou uma faixa sobre a investigação de sonegação de impostos do Grupo Globo que dizia “Globo na lista do HSBC. Sonegação é crime”. Também presente, o Sindicato dos servidores da previdência social exibiu cartazes para reivindicar o não pagamento das dívidas interna e externa e a revogação das Medidas Provisórias 664 e 665 que diminuem direitos trabalhistas e previdenciários.

## Não ao ajuste fiscal

“A terceirização é uma perspectiva de precarização do trabalho a nível mundial. Só enfrentaremos este cenário com



Fotos: Samuel Tosta - 15/04/2015

**Manifestação** percorreu a avenida Rio Branco e dirigiu-se até a sede da Federação das Indústrias do Rio de Janeiro

uma unidade de trabalhadores que tenha em vista a luta anticapitalista”, afirmou Luis Acosta, 1º vice-presidente da Regional Rio de Janeiro do Andes-SN. Além disso, a entidade preencheu a Avenida Rio Branco com balões que diziam “Não ao ajuste fiscal”, em referência ao pacote do governo que afetou diretamente o orçamento das universidades em todo país.

Os estudantes também marcaram presença no ato. O movimento secundarista do Colégio Pedro II gritou, junto dos professores: “Que contradição,/o

PT da Dilma está do lado do patrão”. O DCE da UFRJ reafirmou a luta pelos direitos dos servidores terceirizados da universidade: “O DCE esteve durante o fim do ano passado e o início deste ano denunciando, ao lado dos servidores, as consequências do avanço da terceirização na universidade. Diversos trabalhadores da limpeza, com seus salários atrasados, ainda estão sofrendo com a falta de responsabilidade da universidade. É por isso que estamos aqui, porque a nossa luta é na rua por garantia de direitos”, denunciou Jordana

Almeida.

Também fizeram parte da passeata o Movimento Nacional de Luta pela Moradia (MNLM), o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) e o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST). A reforma urbana e a reforma agrária eram bandeiras da classe trabalhadora durante o percurso.

## Recorte de gênero e etnia

Além disso, a precarização do mundo do trabalho também foi discutida com recorte de gênero e etnia. O ganho de

até 30% menos para mulheres com o mesmo cargo dos homens foi enfatizado como forma de desigualdade sexista. Gabriel Rodrigues, também representante do DCE Mário Prata da UFRJ, resgatou a face étnica da terceirização: “Precisamos lembrar que o governo passa a foice novamente nos trabalhadores pobres que são, em sua esmagadora maioria, negras e negros. Assim, mantém um sistema análogo à escravidão: negras e negros que trabalham meses sem receber em condições de vida sub-humanas”



**Ato contou com forte participação do setor da Educação**

## ONDA CONSERVADORA

# Colunista difama professora

Em blog da revista Veja, Rodrigo Constantino critica aulas com palestras de movimentos sociais. Atacada, Mariana Trotta, que leciona Direito na PUC-RJ e na UFRJ, defende formação com responsabilidade

**Ela recebeu a solidariedade de colegas, advogados e juízes**

**Elisa Monteiro**

elisamonteiro@adufrj.org.br

O conservadorismo da revista Veja está quebrando todos os records. A vítima da vez foi a professora Mariana Trotta, que leciona Direito na UFRJ e PUC-RJ. Em 8 de abril, Rodrigo Constantino, um dos colunistas da publicação, lançou o texto intitulado “Doutrinação ideológica na PUC-Rio: professora troca sala de aula por monólogo de feministas e MST”.

Na ocasião, o colunista, que se apresenta como presidente do Instituto Liberal, supostamente, deu voz ao “desabafo” de um aluno de 18 anos do curso de Sociologia do Direito/Administração da Justiça da PUC-RJ. O rapaz estaria indignado com a participação de “movimentos feministas, negros, homossexuais, transexuais, entre outros do gênero”, além do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), nas aulas.

Em tom agressivo, Constantino questionou a competência profissional de Mariana em espaço de alta audiência sem, contudo, ter dirigido um telefonema à professora para esclarecimentos. “Em momento nenhum me procuraram para conversar, nem ouviram qualquer outro estudante ou professor. Ou seja, simplesmente, pegaram uma visão que os interessava para construir um factóide conveniente a seus projetos de sociedade e de universidade”, relatou Trotta. “Nesse caso concreto, percebemos como tem sido perversa a atuação de uma mídia irresponsável. Colocaram meu nome, minha imagem, com uma manchete supersensacionalista de ‘doutrinação ideológica’”, criticou.

## Participação consta da ementa do curso

O episódio estremeceu a professora. De acordo com ela, a participação dos atores sociais citados não apenas consta da ementa do curso, como está “completamente integrada a projetos de pesquisa e de extensão, com bolsas PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica), tanto na PUC quanto na UFRJ”: “Fazemos uma discussão sobre o papel das lutas sociais e políticas na produção do Direito. E também sobre a forma como o sistema de justiça atua frente às



Silvana Sá - 26/02/2015

**Para Trotta, a raiz da virulência com que foi tratada pelo colunista está na intolerância à divergência política**

demandas dos movimentos sociais”, observou.

Ao contrário do que faz supor a “denúncia” do blogueiro da Veja, a pasta de Trotta não traz mais Marx do que outros conhecidos nomes da Sociologia como Weber ou Durkheim. E entre os autores contemporâneos, escolhidos para “interface com os clássicos”, figuram nomes como Sérgio Adorno, Luiz Eduardo Figueira, José Geraldo de Sousa Junior, Boaventura de Sousa Santos, Bourdieu etc. Um quadro “bastante plural”, bem distante da radicalidade insinuada.

Para Trotta, a raiz da virulência com que foi tratada pelo colunista está na intolerância à divergência política. “O que defendemos é uma universidade que seja socialmente referenciada, que responda às grandes questões colocadas pela sociedade, inclusive, pelos movimentos sociais”, afirmou. Como exemplo, citou a experiência de trabalho de campo com os estudantes, na temática agrária. “Na Constituinte, ficou previsto que juízes devem ir ao local do conflito agrário para visualizar e compreender aquela realidade”, explicou, para que julgamento não se baseasse apenas em argumentações.

## Em jogo, a formação com responsabilidade

Em sua visão, ter responsabilidade com a formação de profissionais do Direito também significa propiciar conhecimento além do que se vê nos meios de comunicação. “Efetivamente, a Sociologia é uma disciplina que tem como pressuposto a desconstrução de um senso comum, pautado em uma visão ideológica, em grande medida, de reprodução do discurso midiático”, disse. Para Trotta, a disciplina “incomoda” porque pode vir a tirar as pessoas, particularmente jovens, da sua “zona de conforto”. E a preocupação em manter o diálogo aberto é uma constante “em especial, quando são temas polêmicos ainda hoje na sociedade brasileira”, afirmou. “O aluno pode manter ou mudar de opinião. Mas isso também precisa ter suporte em leitura de autores, em pesquisa, e ouvindo diferentes atores”.

## Liberalismo ou patrulhamento?

Trotta questionou, ainda, o limite da liberdade de expressão e pluralidade de pensamento, pretensamente contido, no artigo da Veja. “Na universi-

dade, há uma universalidade. E toda disciplina pode ter os mais diversos enfoques”, observou, “mas eu nunca vi uma revista questionando, por exemplo, se um professor do Direito Empresarial debate ou não a função social da empresa, tal como o Código Civil estabelece”.

A docente relata que, por ora, não pretende acionar o colunista na Justiça. “Acredito ser uma coisa para tratar acadêmica e politicamente”, disse. Para sua decisão, pesou o apoio dos colegas, uma carta com mais de 60 assinaturas entre professores, advogados e juízes. Se a ideia do blogueiro era prejudicar profissionalmente a docente e advogada, o tiro saiu pela culatra. “Ficaram todos muito solidários e indignados”, contou.

## Denúncia de quem?

Na publicação do blog, não consta a identificação do aluno “reclamante”. A única informação é que seria um jovem de 18 anos. A professora confirmou que a composição da turma é “muito nova”. No entanto, em um trecho da carta anônima, lê-se: “É preciso dar um basta nessa situação: nossas crianças e jovens não merecem e não devem ter influências partidárias”. A escrita causa

## Assembleia da Adufrj-SSind aprova nota de solidariedade à professora

Assim que soube do ataque sofrido pela professora Mariana Trotta, a diretoria da Adufrj-SSind entrou em contato para lhe oferecer apoio, além de espaço nesta edição para contar seu ponto de vista da história. Também levou à Assembleia Geral do último dia 17 a seguinte proposta de nota, aprovada por unanimidade:

“A Assembleia Geral da Adufrj-SSind, reunida em 17/04/2015 no Auditório da Escola de Serviço Social da UFRJ, declara total apoio à professora Mariana Trotta da Faculdade Nacional de Direito e que também compõe o corpo docente da PUC-Rio. A professora foi vítima de uma campanha difamatória disseminada em meio digital por meio de um blog assinado por colunista de um semanário integrante da mídia corporativa nacional. Consideramos que o ataque realizado a Mariana atinge todo o corpo docente universitário por estimular patrulhamento ideológico às instituições de ensino no intuito de limitar a validade de construção pedagógica apenas àquelas que reforçam o senso comum como forma de apreensão do mundo. As atividades coordenadas pela professora Mariana Trotta, pelo contrário, caracterizam uma necessária abordagem de ensino aprendizagem ao cumprir a tarefa universitária mais fundamental que é trabalhar com autonomia, com crítica e com democracia.

Reforçamos a necessidade de práticas pedagógicas renovadoras na universidade, na direção da construção de um saber que seja público e, ao mesmo tempo, produtor de autonomia e liberdade. Mariana representa estas práticas de maneira exemplar.

Todo apoio à professora Mariana Trotta! Todo repúdio ao patrulhamento ideológico nas instituições de ensino!”

estranhamento: “Não parecia carta de um jovem de 18 anos pela forma que se colocava”, avaliou Trotta. De acordo com a docente, até o momento, nenhum estudante lhe apresentou críticas similares às publicadas no blog.

## SUCESSÃO NA UFRJ

## SUCESSÃO NA UFRJ

# Roberto Leher e Denise de Carvalho disputam segundo turno

Não haverá continuidade de gestão

Silvana Sá  
silvana@adufrj.org.br

Roberto Leher (Chapa 20) e Denise de Carvalho (Chapa 30) disputarão o segundo turno da consulta universitária para a reitoria 2015-2019. Os candidatos terão mais alguns dias de campanha antes que a comunidade universitária volte às urnas em 4, 5 e 6 de maio. Na UFRJ, a votação, além de separada por segmentos, é contabilizada de maneira ponderada, em que cada um dos segmentos representa 1/3 no somatório final da eleição. Quanto menor o universo, mais força tem a categoria. Assim, o voto docente tem mais peso que os dos técnico-administrativos que, por sua vez, tem prevalência sobre o voto estudantil. Por isso, embora tenha sido a mais votada em números absolutos, a Chapa 20 foi para o segundo turno em segundo lugar na disputa.

A Chapa 30 ficou em primeiro lugar na consulta. Totalizou 5.398 votos, com 1.321 de professores, 1.667 de técnicos-administrativos e 2.410 de estudantes. A Chapa 20, encabeçada por Leher, obteve um total de 8.885 votos, dos quais, 713 votos de professores, 1.576 de técnicos-administrativos e 6.596 de estudantes. Angela Rocha recebeu 3.219 votos no total, sendo 931 votos de docentes, 1.048 do segmento técnico-administrativo e 1.240 de estudantes. Em termos já ponderados, a Chapa 10 obteve 12,319% dos votos; a Chapa 20, 15,843% dos votos; e a Chapa 30, 18,560%.

Os números apontam que é preciso um esforço ainda maior para envolver a comunidade universitária no processo. De um universo de 4.078 docentes aptos a votar, compareceram às urnas 3.082. Entre os técnicos, pouco mais da metade compareceu: 4.489 de um total de 8.865. O percentual estudantil é ainda menor: de 53.766 aptos, apenas 10.445 participaram da consulta. Os números incluem votos brancos, nulos e votos em trânsito.

Luciano Coutinho, presidente da Comissão de Coordenação do Processo Sucessório (CPPS), informou que houve um crescimento da participação dos estudantes na consulta: agora foram 19,427% em relação ao total, em comparação com 17% da consulta passada, em 2011, que elegeu Carlos Levi. Em contrapartida, diminuiu a presença de professores e técnicos. Os docentes compareceram em 75,576% e os técnico-administrativos tiveram percentual de participação de 50,637%. Para chegar aos números, a CPPS tem como critérios a consulta paritária, onde os votos de cada um dos segmentos têm o peso de 1/3 e o comparecimento às urnas em relação ao universo total de votantes em cada segmento.

Para o segundo turno, a CPPS pretende realizar mais treinamentos com os mesários: "Para o segundo turno, haverá novos treinamentos. Além disso, pedimos que a comunidade acadêmica se apresente para compor as mesas de votação", destacou o professor.



Votação atraiu pouco mais de 18 mil eleitores de um universo de 66,7 mil pessoas aptas à participação na consulta

## Por que segundo turno?

Para que a consulta tivesse sido encerrada no primeiro turno, era necessário que uma das chapas obtivesse mais votos que o somatório da segunda e terceira colocadas, acrescidos os votos brancos e nulos. A semana do dia 27 de abril está reservada para a campanha eleitoral do segundo turno. Dois debates já estão programados: dia 27 de abril, na Praia Vermelha, ao meio-dia; e dia 28 de abril, no Quinhentão, campus Fundão, também ao meio-dia. Um terceiro ainda pode ser agendado.

No meio da tarde, já eram conhecidas as chapas que iriam para o segundo turno, graças à agilidade de apuração com as urnas eletrônicas. Mas a conferência das cédulas em papel atrasou os resultados finais até o fim da noite de 17 de abril



Marco Fernandes - 17/04/2015

## O que pensam os candidatos

Os candidatos conversaram rapidamente com a reportagem do **Jornal da Adufrj** sobre suas impressões a respeito da campanha, o resultado e as estratégias para o segundo turno. Denise de Carvalho, da Chapa 30, afirmou que o resultado das urnas mostra "que as propostas de efetiva mudança da chapa para a UFRJ estão sendo bem aceitas pela comunidade universitária": "Estamos muito felizes com o resultado que nos coloca em primeiro lugar na disputa pelo segundo turno. Tivemos muitos votos das diferentes categorias, o que legitima nossa candidatura, nossa trajetória".

Denise também aproveitou o momento para agradecer à equipe que "vem trabalhando há algum tempo" para a candidatura. Ela afirmou que, nas próximas semanas, a chapa fará diversas reuniões em diferentes unidades para ampliar a base de apoio para o segundo turno. "Já temos uma série de reuniões marcadas e já hoje ligaremos para os amigos para que mantenham seu apoio na nossa chapa, para que estejam conosco e continuem nos ajudando".

Roberto Leher afirmou que este processo eleitoral ficará para a história da universidade pelo engajamento dos segmentos universitários na discussão



Roberto Leher



Denise Carvalho

da UFRJ que se quer para os próximos quatro anos. "Muitos professores, técnico-administrativos e estudantes entenderam que era preciso apoiar um projeto que fortalecesse a democracia interna na UFRJ, que avaliasse e discutisse de forma sistemática a função social da universidade e, particularmente, se dispuseram a refletir de forma muito viva sobre a autonomia universitária. Ou seja: para que a universidade possa exercer suas funções, ela precisa ser, de fato, autônoma. Este

foi o tom do debate".

Ele agradeceu o engajamento dos segmentos e se disse otimista: "Percebemos que a universidade problematiza suas questões e deseja uma mudança real, não uma mudança tecnocrática, da lógica gerencial". Para o segundo turno, o professor afirmou que buscará o diálogo com todos os setores da universidade e o apoio de eleitores da Chapa 10. "O que nos aproxima, e isso é uma trajetória de anos, é a compreensão da necessidade de uma

universidade pública, que não seja atrelada a interesses mercantis e particularistas". Disse, ainda, que não abre mão da militância universitária. "Fizemos uma campanha muitíssimo modesta, que veio da solidariedade de colegas, de estudantes. Não utilizamos militância paga, não contratamos entregadores de panfletos. Toda a campanha foi de militância universitária".

A reportagem não conseguiu entrar em contato com a candidata Angela Rocha até o fechamento desta edição.

Consulta para a reitoria da UFRJ continua nos dias 4, 5 e 6 de maio. Colégio Eleitoral forma as listas tríplexes em 8 de maio. Resultado será enviado ao MEC

### TOTAL GERAL

Categoria	Número de votos						Total de eleitores
	Chapa 10	Chapa 20	Chapa 30	Brancos	Nulos	Total	
Docentes	931	713	1.321	43	74	3.082	4.078
Técnicos-administrativos	1.048	1.576	1.667	44	167	4.489	8.865
Estudantes	1.240	6.596	2.410	84	115	10.445	53.766

### TOTAL GERAL PONDERADO

Categoria	Percentual de votos						Total de eleitores
	Chapa 10	Chapa 20	Chapa 30	Brancos	Nulos	Total	
Docentes	22,830%	17,484%	32,393%	1,054%	1,815%	75,576%	4078
Técnicos-administrativos	11,822%	17,778%	18,804%	0,496%	1,884%	50,637%	8865
Estudantes	2,306%	12,268%	4,482%	0,156%	0,214%	19,427%	53.766
Soma	12.319%	15.843%	18.560%	0.569%	1.304%	48.547%	22.236

## CIÊNCIA E TECNOLOGIA

# A culpa é das estrelas

Projeto que põe Brasil na linha de frente de pesquisa astronômica sofre pressão de conservadores

Tramitação no Congresso chega a quatro anos

Filipe Galvão  
Estagiário e Redação

Os desertos de sal chilenos, o maior olho do mundo vasculhará a origem do Universo, seus limites e cores. Com o diâmetro de um prédio de dez andares, o telescópio só depende da aprovação no Senado brasileiro para ser construído.

O ESO, sigla em inglês de Observatório Europeu do Sul, é uma organização intergovernamental que abrigará o Brasil como membro e co-proprietário de toda sua rede de telescópios, desde que o país financie a maior parte da construção do imenso equipamento em Atacama, norte do Chile. Ao custo de 1 bilhão de euros, dos quais cerca de um terço (aproximadamente R\$ 945 milhões) será financiado pelo Brasil até 2021, o E-ELT – Telescópio Europeu de Enorme Dimensão – é considerado prioridade para cientistas da área.

O tamanho e complexidade da obra trarão avanços não só na Astronomia, mas na Física, Engenharia, Química, Biologia. Os ganhos também estarão nos possíveis desdobramentos em ótica, medicina, informática e tecnologia de informação.

A lente de 30 metros, tão colossal que poderia sucumbir ao próprio peso, é mais modesta que o plano inicial, de 100 metros. Ainda assim, será uma obra de arte da engenharia. “O vidro é líquido, a gravidade



Fotos: Filipe Galvão - 15/04/2015

**Passado e futuro.** O diretor manipula o primeiro telescópio brasileiro, uma peça do museu da Unidade, enquanto aguarda participação em uma rede de observação mundial de última geração

curvaria a lente”, lembra o diretor do Observatório do Valongo, Helio Jaques. Para viabilizar o projeto, o cristal foi segmentado em pequenos hexágonos apoiados em um chassi articulado que calcula e minimiza a distorção da luz que captura.

O projeto rodou 17 vezes entre gavetas e mesas de votação do Congresso por quatro anos, obstruído pela comissão de finanças da casa. Só foi aprovado em março desse ano em um desses pacotões que a atual presidência da Câmara cria para aprovar tudo e qualquer coisa.

Agora, vai ao Senado: “Os colegas da sociedade astronômica acham que a discussão vai ser menos complicada no Senado, mas o projeto caiu na mão de um conservador do sul”, conta Helio em referência a Lasier Martins (PDT-RS).

## Falta de diálogo irrita diretor do Observatório do Valongo

Moção da Unidade, enviada ao Congresso, voltou sem ser lida

O investimento na construção da E-ELT é relativamente baixo. Apesar disso, os deputados reclamaram do uso “irresponsável” dos recursos públicos, como esbravejou o líder do DEM, deputado Mendonça Filho (PE).

Quando o deputado Fábio Garcia (PSB-MT) disse que “as estrelas que precisam ser estudadas são o povo do Mato Grosso” e que o “governo brasileiro se preocupava muito com pesquisa e pouco com ensino”, Helio Jaques achou demais. Juntou-se aos professores do observatório e escreveu uma moção de apoio à aprovação do projeto. Encaminhou o

texto para o e-mail de todos os deputados e uma carta à Mesa Diretora da Câmara. A carta foi cuidadosamente devolvida ao remetente, com rabiscos a lápis e caneta: “Recusado, não recebido na presidência”.

A assessoria de imprensa do presidente da Câmara dos Deputados não soube informar o motivo da recusa: “Como é o nome? UFRJ? Não, não sei de nada”.

O diretor do Observatório do Valongo se disse magoado: “Se pelo menos a carta tivesse voltado aberta, mas nem isso”. Hélio reclamou na Ouvidoria da Câmara e já pediu assistência na Ouvidoria da UFRJ, onde foi aconselhado a procurar a Ouvidoria dos Correios. O desrespeito da Câmara com aquela que até hoje foi a única escola que graduou astrônomos no Brasil parece um sinal do eclipse da inteligência no país.

Eduardo Cunha pode jul-

O E-ELT – Telescópio Europeu de Enorme Dimensão — custaria R\$ 945 milhões ao Brasil



O diretor Helio Jaques e a carta devolvida

gar a universidade pública como uma estrela apagada e sem importância. Se não começar a estudar bem os céus, pode receber um meteoro no colo. Talvez um telescópio do tamanho de um trem ajude a curar a cegueira de alguns parlamentares.

# Alojamento: entrega do bloco feminino é adiada de novo

Previsão de fim da obra passou de dezembro de 2014 para abril deste ano e, agora, para o segundo semestre

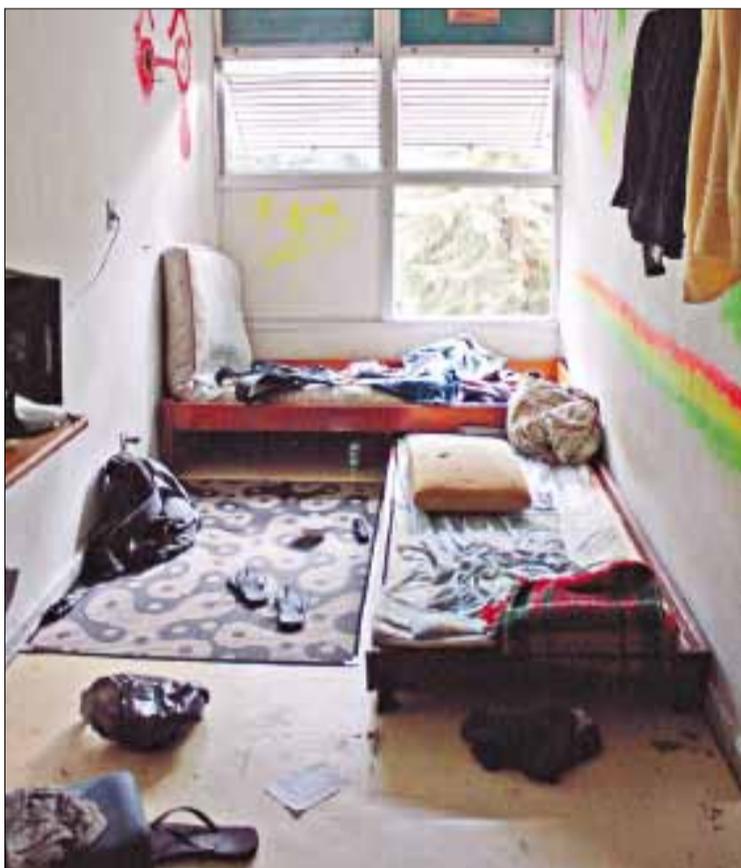
## Problema da superlotação aumenta

**Samantha Su**  
Estagiária e Redação

O bloco feminino da residência estudantil está em reforma desde março do ano passado e a conclusão da obra estava prevista para dezembro de 2014. Em reunião do Conselho de Ensino e Graduação (CEG) de novembro último, o ex-superintendente de políticas estudantis Ericksson Rocha comunicou o adiamento para março ou abril de 2015, no que chamava de “perspectiva pessimista”. Agora, mais uma vez, as obras do bloco feminino serão atrasadas: “O Escritório Técnico (ETU), responsável pela fiscalização da obra, tem uma previsão de entrega para o segundo semestre deste ano”, afirma o novo superintendente, Helio de Mattos. A justificativa seria a falta de equipamentos para o sistema elétrico do bloco.

Enquanto isso, a situação dos alunos não oficiais que ocupam hoje o alojamento está sendo negociada na transição para o novo bloco. A Comissão de Acompanhamento da Residência Estudantil, criada pelo Conselho Universitário e presidida pelo reitor da universidade, discute a questão.

Até o momento, o paliativo encontrado foi um cadastramento no edital de concessão



**Em quartos** projetados para apenas uma pessoa, a realidade é outra: há relatos de alguns com seis alunos

de bolsa-auxílio moradia da Divisão de Assistência Estudantil (DAE) para atestar as condições socioeconômicas e a matrícula ativa de todos os residentes não oficiais da casa. A partir do cumprimento dos pré-requisitos, ainda que não autorizados formalmente pelo funil estreito do processo, todos os ocupantes seriam transferidos para o prédio reformado. A única condição é que os estudantes não oficiais dividiriam quartos entre si. Vale lembrar: os estu-

dantes que receberam bolsa-aluguel emergencial no valor de R\$ 1,2 mil, no último ano, vão retornar ao imóvel.

Em quartos projetados para uma pessoa, dois agregados irão dividir o espaço. Para os alunos, caso o número de residentes não oficiais exceda a divisão de duas pessoas por quarto, a Assembleia do Alojamento poderia pedir a colaboração dos estudantes oficiais para abrigar mais colegas, como já é feito atualmente no módulo masculino.

**Além de ratos, pombos e cupins nos módulos**



## Seis alunos onde deveria morar apenas um

O bloco masculino hoje funciona com superlotação devido à disparidade entre a quantidade de ingressantes cotistas e/ou de outras regiões e o número de bolsas-auxílio e vagas na moradia. Há relatos de quartos, projetados para apenas uma pessoa, com seis alojados. As ocupações são comunicadas em assembleia estudantil da residência, toda terça-feira, e cadastradas na administração da casa. Os estudantes se voluntariam a dividir o espaço, onde mal cabe uma cama de solteiro e um armário, com quem chega sem condições de permanência na universidade.

“Não é do nosso interesse que qualquer um venha à residência. A gente sabe que é de direito do estudante da UFRJ com matrícula ativa e condições socioeconômicas específicas. O problema é que são muitos estudantes nessas condições”, conta Maria Angélica, estudante de Serviço social, residente no local.

## Perfil dos estudantes agregados

Diversos relatos de ocupantes atentam para a deficiência

da universidade em dar condições mínimas para que alunos de outros estados e com baixa renda possam concluir a graduação na UFRJ. Parte dos considerados “agregados” (não oficializados pela DAE) recebia a Bolsa Auxílio Permanência (BAP), direito concedido durante um ano a todo ingressante cotista no valor de R\$ 550. Porém, após esse ano, sem conseguir disputar edital para moradia ou bolsa-auxílio em ampla concorrência, acabavam desabrigados.

“Eu morava em uma república na Vila Residencial. Pouquíssimos lugares lá são razoáveis, quase todos lotados e os donos das casas costumavam acordar um valor único para o aluguel. Eu pagava R\$ 350 reais e só recebia a BAP de R\$ 550, tinha R\$ 200 para sobreviver. Acabou o ano e eu não tinha para onde ir, vim parar aqui no alojamento com um colchão inflável de solteiro para dividir por duas pessoas. Hoje eu durmo em um sofá num quarto dividido entre três”, conta Hércules da Silva, oriundo de Minas Gerais e estudante de Química Industrial na UFRJ.

## Alunos denunciam infestação de ratos no local

Não bastassem os habituais problemas do alojamento, os alunos agora denunciam a infestação de ratos. E não é no entorno das instalações (o que já seria grave). Os roedores estão entrando nos quartos.

De acordo com o Superintendente Geral de Políticas Estudantis, Helio de Mattos, “há mais de dez anos” é feita a desratização no local, duas vezes ao mês, pela Prefeitura Universitária. Ele alega, porém, que as obras de reforma do bloco feminino podem ter contribuído para uma maior incidência da praga, nos últimos meses — os montes de entulho favoreceriam a proliferação dos animais. Para Helio, “o ideal te-

ria sido a saída de todos os moradores ao mesmo tempo para a reforma dos dois blocos”.

Ainda assim, quem reside lá afirma que nem todos os quartos foram visitados para a desratização durante o mês de março: “Vieram ao meu módulo colocar veneno mês passado, mas, nos quartos de outras pessoas que apresentaram problemas com ratos, nada foi feito. A administração nos diz que é feita a desratização, mas o problema não é solucionado e não há outra resposta”, explicou Maria Angélica, estudante de Serviço Social.

Os estudantes alegam que os ratos sempre foram um problema. Mas que ganhou em inten-

sidade a ponto de os animais chegarem aos quartos dos alojados. Em um dos módulos, após a entrada de quatro deles, os alunos resolveram arcar com os gastos de ratoeiras e telas para cobrir fissuras. O prédio, com diversos buracos em sua estrutura por conta da falta de reparos, conta ainda com um vão na área de serviço de todos os módulos. Essa abertura, além de grande parte do teto dos banheiros, sem forro, são locais por onde os ratos estariam entrando, segundo os moradores.

A coleta seletiva no exterior da residência é feita pela Comlurb diariamente, porém o lugar indicado para que sejam despejados os detritos fica no



**Problema dos ratos** ganhou intensidade nos últimos meses

interior do prédio. E, de acordo com os alunos, vive cheio. Por sua vez, a direção da residência

promove campanha de conscientização sobre o tratamento adequado do lixo individual.

# CA garante representantes na Congregação da EEFD

Mais de seis meses após eleição, Centro Acadêmico — não reconhecido pelo diretor da Escola de Educação Física e Desportos — só conseguiu direito a voz e voto no fórum deliberativo da unidade após mediação do reitor

**Legitimação ocorreu em reunião do dia 9 de abril**

**Samantha Su**  
Estagiária e Redação

Após vários meses de luta, os representantes do Centro Acadêmico de Educação Física e Desportos (CAEFD) finalmente conseguiram algo que é até trivial para seus colegas de outros cursos:

direito a voz e voto na Congregação local. O motivo para a longa espera reside em uma acirrada divergência política com o diretor daquela Unidade, professor Leandro Nogueira.

Em setembro de 2014, a chapa “Quem vem com tudo não cansa”, claramente de oposição à atual diretoria da Escola, venceu as eleições para o CAEFD, com mais de cem votos de diferença para a concorrente, que aceitou o resultado. Porém, a posse na Congregação foi impedida pelo profes-

sor Leandro sob o argumento de irregularidade no processo: a Comissão Eleitoral teria contado com alunos formados e da pós-graduação (o que estava acordado entre as duas partes em disputa).

Nem mesmo uma resolução (nº 05/2014) do Consuni, justamente provocada pela situação na EEFD, mudou a opinião do diretor. O texto, de maio de 2014, reafirma “a prerrogativa das entidades representativas dos estudantes na organização do processo de escolha dos re-

presentantes discentes nos colegiados da UFRJ”.

Os três assentos destinados aos alunos no fórum deliberativo da Escola de Educação Física e Desportos foram garantidos após mediação do reitor Carlos Levi — o que só ocorreu após muita insistência do CA, inclusive com o apoio da Adufrj-SSind. No último dia 9, ele presidiu a Congregação da unidade. Um dos atuais representantes discentes, Pedro Santos, relatou o episódio à reportagem do **Jornal da Adu-**

**frj**: “A congregação se arrastou por duas horas. O Leandro tentou intimidar, dizendo que a congregação ficaria fora da lei, ilegítima, ferindo as regras da democracia e lesando o órgão público. Mas o Levi explicou que os pares escolheram seus representantes, que a eleição foi correta, que a universidade como um todo acompanhou (o processo eleitoral)”, afirmou. O direito à representação acabou legitimado pela congregação, com seis votos a favor e oito abstenções.

## UNIVERSIDADES

# Lutar não é crime: estudantes da Unesp articulam rede de apoio para impedir expulsão

**Recurso será julgado em 7 de maio**

**Samantha Su**  
Estagiária e Redação

Conforme já anunciado na edição nº 880 do **Jornal da Adufrj**, dezessete alunos estão ameaçados de expulsão da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, da Universidade Estadual Paulista. De acordo com a instituição, teriam cometido infrações disciplinares previstas no regimento interno (diga-se, de passagem: da época da ditadura militar). Mas, para diversas entidades sindicais e estudantis mobilizadas para o assunto, eles sofrem perseguição política por terem participado ativamente de manifestações pela melhoria das condições de assistência ao corpo discente da Unesp.

Agora, a penalidade da expulsão será reavaliada em uma reunião do Conselho Universitário de 7 de maio (antes, o assunto seria discutido em uma sessão de 24 de abril). Até lá, está resguardado o direito de matrícula e os alunos poderão continuar a assistir às aulas.

### Contexto da ocupação

Segundo nota do movimento estudantil da Unesp, em 2013,

houve uma significativa diminuição no número de bolsas de auxílio ao estudante (BAAE) que provocou a mobilização, inclusive, de outros campi da universidade. No início de 2014, 38 alunos perderam o benefício de assistência à moradia por, segundo a reitoria, não atenderem aos critérios do Núcleo de Apoio ao Estudante (NAE). Foi neste contexto, sem conseguir diálogo com a direção da faculdade e a reitoria da universidade, que os alunos decidiram ocupar o gabinete da administração daquela unidade como forma de chamar atenção da opinião pública para os seus problemas.

### Mobilização pela revogação das expulsões

Em busca da revogação das expulsões no Conselho Universitário, foi criada uma rede de apoio que supera, inclusive, os muros da Unesp: “Se não houver mobilização, podemos ser derrotados. E a nossa perspectiva é construir pela base um contra-ataque à repressão para não nos calarmos frente às injustiças. Sabemos que lutar não é crime e iremos até o fim para barrar a mão de ferro dos governos e dos patrões, que devem pagar pela crise que eles mesmos programaram,” conta o estudante Felipe Johnson, um dos 17 ameaçados de expulsão.



**Ato dos estudantes** em frente à reitoria da Unesp, em dezembro de 2014, contra a repressão

### Histórico

Em 29 de maio do ano passado, 14 dos alunos ameaçados de expulsão estiveram em uma ocupação da diretoria da faculdade (os outros três são dirigentes do movimento estudantil), que durou menos de um mês. Em 20 de junho, após pedido de reintegração de posse feita pela direção do campus onde fica a faculdade, um desproporcional efetivo de 150 policiais retirou à força os

poucos alunos do local.

Algum tempo depois, foi iniciado um processo administrativo que chegou à polêmica punição, publicada em Diário Oficial do estado, no fim de janeiro último. Contudo, os estudantes, apoiados pela Associação de Docentes da Unesp (Aduesp), entraram com recurso junto à reitoria e conseguiram um “efeito suspensivo”. Até a sessão de 7 de maio.

### Situação da Assistência Estudantil permanece grave

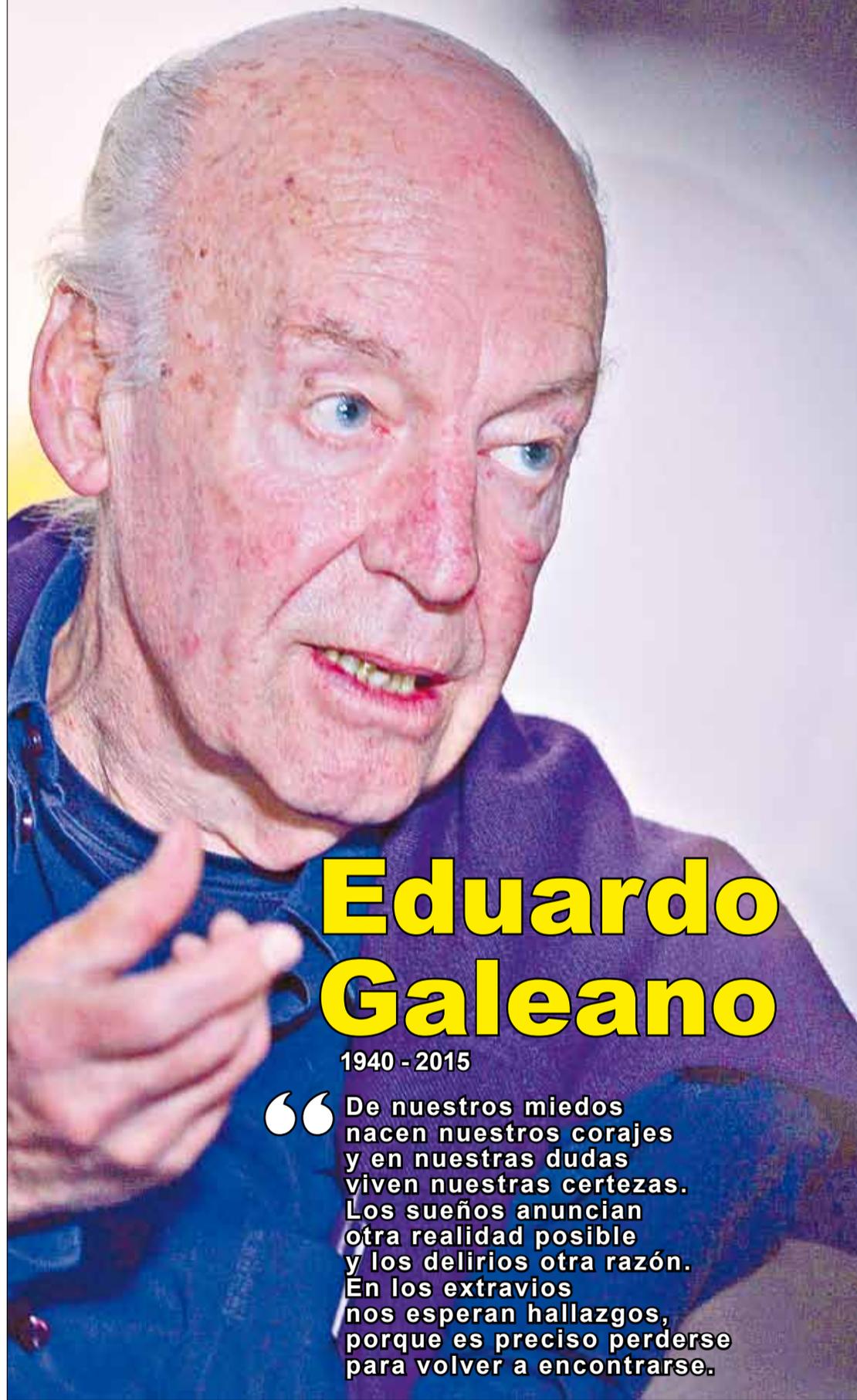
Hoje, mesmo após a ocupação, o Restaurante Universitário está fechado para reformas de ampliação e só será reaberto em 2016. A moradia estudantil também não sofreu melhoras e ainda não há vagas suficientes para a demanda.

Johnson diz ainda que a repressão ao movimento estudantil continua: “O campus está preenchido de novas câmeras de segurança. A vigilância foi reforçada principalmente nos nossos locais de assembleia”, critica.

# PAINEL ADUFRJ DA REDAÇÃO

Fábio Rodrigues Pozzebom/Agência Brasil - 11/04/2014

## IMAGEM DA SEMANA



# Eduardo Galeano

1940 - 2015

“ De nuestros miedos  
nacen nuestros corajes  
y en nuestras dudas  
viven nuestras certezas.  
Los sueños anuncian  
otra realidad posible  
y los delirios otra razón.  
En los extravíos  
nos esperan hallazgos,  
porque es preciso perderse  
para volver a encontrarse.

Certa vez, ainda em 2011, um repórter da extinta revista Versus, da UFRJ, entrou em contato via e-mail com Eduardo Galeano. Pedia uma entrevista para marcar os 40 anos do lançamento do livro “As veias abertas da América Latina”, obra seminal do escritor uruguaio. O assunto caía como uma luva para a publicação – de olhos voltados para os conflitos e esperanças do continente latino-americano. No entanto, Galeano rechaçou a proposta com um certo mau humor. Disse que já tinha falado tudo sobre o livro, e que não daria a entrevista.

O fato é que, já há alguns anos, Eduardo Galeano vinha expondo suas restrições sobre dar entrevistas relacionadas à sua obra mais conhecida. De certa forma, a atitude do escritor chegou a ser festejada pela direita intelectual mais obscura, que viu nisso uma espécie de rejeição ao que tinha escrito em 1971.

Mas a história é outra. Na semana passada, um dia depois da morte do escritor, na segunda-feira 13 de abril, o jornalista e escritor Eric Nepomuceno dava uma explicação para a resistência de Galeano em falar sobre sua obra-prima. “(...) acontece com todo autor que acaba conhecido por uma obra só. Gabo (Gabriel García Márquez) tinha isso com ‘Cem anos de solidão’. É como se você tivesse cinco filhos e as pessoas só falassem de um”, compara.

Além de tradutor das obras do escritor uruguaio, Eric era amigo de Galeano há mais de 40 anos. Ele considera “Veias” obra essencial, fundadora de uma visão de mundo. Mas lembra que o livro foi escrito no calor das trincheiras na década de 1970, quando Galeano tinha 31 anos. Do ponto de vista literário, Eric considera a trilogia “Memórias do fogo” e “O Livro dos Abraços” como superiores. “Galeano vai ouvindo de tudo. O que de melhor ouviu ele transforma em livros como este, onde lembra como são grandes os pequenos momentos e como eles vão se abraçando, traçando a vida” diz o tradutor de o “O Livro dos Abraços”.

“Futebol ao Sol e à Sombra”, “Dias e Noites de Amor e de Guerra” (prêmio Casa das Américas de 1978) e “Os filhos dos dias”, entre outros, compõem a vasta obra do escritor.

### VIDA DE PROFESSOR

Diego Novaes



## MEMÓRIA, VERDADE E JUSTIÇA

# América do Sul ainda em dívida com direitos humanos

Apenas o caso argentino é considerado avançado, tanto na reconstituição histórica, quanto nas reparações

Debate ocorreu em 1º de abril

Elisa Monteiro

Enviada especial a Porto Alegre (RS)

No segundo dia (1º de abril) do Seminário Nacional da Comissão da Verdade do Andes-SN (já parcialmente noticiado em edição anterior do *Jornal da Adufrj*), a mesa da tarde traçou uma comparação entre as trajetórias da luta por memória, verdade e justiça na América do Sul. Em ritmos próprios, militantes dos direitos humanos de Argentina, Uruguai e Chile viveram uma onda de otimismo quanto à apuração dos crimes de Estado, na retomada de regimes democráticos. No entanto, também foram frustrados pela pressão política de setores que se mantiveram na estrutura de comando dos países.

Muita mobilização, aos poucos, rompeu com o silêncio e a negação de responsabilidades. Mas, no momento em que os governos ditos de esquerda chegaram ao poder, nova frustração: a jornada pela memória, verdade e justiça não deu o salto de qualidade imaginado.

O caso argentino é considerado o mais avançado, tanto no terreno da reconstituição histórica, quanto das reparações. O professor Pablo Pozzi, que falava sobre esta situação, ficou impossibilitado de comparecer ao evento em função de atividades de greve na Universidade de Buenos Aires. Ele foi substituído por Enrique Serra Padrós (Universidade Federal do Rio Grande do Sul).

Padrós explicou que, “diferentemente do que houve no Brasil, na Argentina, a luta por direitos humanos se transformou em movimentos sociais”. O exemplo mais conhecido é o das “Mães” e “Avós” da Praça de Maio. Segundo ele, contudo, nos últimos anos estaria ocorrendo um processo de “despolitização das vítimas”, apagando a história dos militantes de esquerda (de origens principalmente peronistas e trotskistas). Em seu lugar, estaria sendo utilizada a imagem das crianças, “para angariar mais simpatia à causa”. “Como se, por terem participado de uma vida política, fossem menos vítimas ou tivessem mais culpa pela violência sofrida”, criticou. Padrós avaliou que “o apagamento simbólico” de tudo que aquela geração, extirpada



De acordo com Enrique Padrós, professor da UFRGS, integrantes de movimentos como o das Avós da Praça de Maio, na Argentina, estariam sofrendo de um “apagamento simbólico”

pelo golpe, sonhou e representou, “é tão danoso quanto seu apagamento físico”.

## Uruguai

Fabiana Larrobla, pesquisadora da Universidade da República do Uruguai, descreveu que por anos prevaleceu o “nada a declarar” dos militares uruguaios. Na transição democrática, explica ela, muitos quadros foram mantidos na estrutura de poder. Depois de uma década de “marchas de silêncio”, nos anos 1990, em 2004, pela primeira vez, um presidente do país reconheceu a responsabilidade do Estado por 178 pessoas “que tiveram res-

tos enterrados, desenterrados, incinerados e jogados ao mar”. A reconstituição foi conseguida graças a testemunhos.

“É um quebra-cabeça que estamos montando aos poucos”, contou. “Há uma pressão por um ponto final nos trabalhos das comissões (de investigação sobre violações de direitos humanos) sobre o tema. Mas justiça é algo que não se pode dar ponto final. As pesquisas dos últimos anos nos deram uma noção mais ampla dos atingidos pela ditadura”. Os desaparecimentos forçados entre 1968 e 1985 são um exemplo; entre 2011 e 2014, o número de casos identificados pela Comissão Pela Paz (como é

Elisa Monteiro - 01/04/2015



Da esq. para a dir.: Fabiana Larrobla, Enrique Padrós, Verónica Valdivia e o mediador da mesa, Elidio Borges (UFRJ)

chamada no Uruguai) subiu de 182 para 192.

A internacionalização da repressão foi outra “peça” que ampliou a noção sobre as ditaduras no continente. “A partir de um determinado momento, ficou impossível restringir as investigações às fronteiras de um desaparecido do Paraguai que era assassinado na Argentina depois de ter passado pelo Chile”, observou.

Para Larrobla, a chegada de governos de esquerda ao poder não correspondeu às expectativas de apoio à luta por Memória, Verdade e Justiça, “Achávamos que tínhamos uma compreensão comum sobre essa necessidade, mas não foi assim”, avaliou.

## Chile

No Chile, o caminho “pela Justiça” foi a responsabilização individual dos casos. Atualmente, 800 agentes do Estado (do período ditatorial) respondem a processos. “Foi a forma encontrada que permitiu a condenação a 300 anos de prisão do general Manuel Contreras (ex-chefe da Dina, a polícia secreta do Chile durante o governo militar do general Augusto Pinochet)”, explicou Verónica Valdivia, historiadora da Universidade Diego Portales. A ausência de arquivos, destruídos pelo Estado é outro desafio: “A partir de 1950, não há documentação nos arquivos oficiais”. A alternativa para reconstrução histórica foram os depoimentos

## Resultado

O Seminário Nacional da Comissão da Verdade do Andes-SN foi ponto culminante de uma série de eventos regionais, em todo o país, organizados pelo Sindicato Nacional, para dar conta do debate sobre a necessidade de resgatar fatos e efeitos relacionados ao período ditatorial junto à universidade, mas também a relação desses com outros segmentos da sociedade. As discussões ocorridas serão sistematizadas em um Caderno Especial do Andes-SN, a ser lançado no 60º Conad, em Vitória (ES). Esse documento será considerado referência do Sindicato Nacional na luta pela restauração da memória histórica. (Fonte: Andes-SN)

e acervo da imprensa.

Valdivia conta que, às vésperas da redemocratização do regime, 40% da população não tinham consciência de crimes do Estado. “No Chile, dizia-se que não havia ditadura, havia uma guerra civil. E, numa guerra civil, sempre há mortes”. A pesquisadora chama atenção para a divisão da sociedade: “É importante colocar que se tratava de uma sociedade fracionada. Quando se produz o golpe, metade do país era partidária do projeto capitalista expresso, depois, por Pinochet. E durante o regime, o apoio aos militares cresceu substancialmente, consolidando uma hegemonia para o laboratório neoliberal que se tornou o Chile”.

Na avaliação de Valdivia, “abrir mão da disputa por uma nova cultura” pós-democratização foi o “pior pecado” do governo de coalizão chileno. “Vemos uma geração que cresceu em ambiente de individualismo, mais preocupada com consumo do que com sua história”.

“Os professores tinham medo de discutir o período recente em sala de aula. Apenas em 2006, com uma reforma curricular, o conteúdo foi inserido”, afirmou a palestrante. Os frutos, para Verónica, puderam ser observados nas mobilizações estudantis a partir de 2011. Os “pinguins” (assim chamados pelas cores dos uniformes secundaristas) encabeçaram massivas jornadas pela reversão da privatização do sistema de ensino.